



Cadernos de História da Educação, v.20, p.1-5, e058, 2021
ISSN: 1982-7806 (on-line)

<https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-58>

RESENHAS

Percursos de um *Arq-Vivo*: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação

Paths of a Living-Archive: between archives and experiences in the History Education research

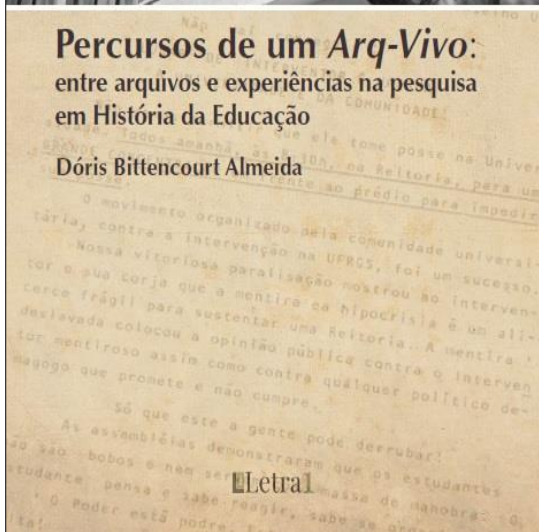
Caminos de un Arch-Vivo: entre archivos y experiencias en la investigación en Historia de la Educación

Marcos Epifanio Barbosa Lima
Universidade Vale do Rio dos Sinos (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0001-8593-7254>
<http://lattes.cnpq.br/9848315028689294>
amdgsj@gmail.com



Percursos de um *Arq-Vivo*: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação

Dóris Bittencourt Almeida



ALMEIDA, Doris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências em História da Educação.** Porto Alegre: Letra 1, 2021. 164p.

Recebido: 22/04/2021

Aprovado: 17/05/2021

O livro ‘Percurso de um *Arq-Vivo*: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação’ é fruto do projeto de pesquisa doutoral da Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida – almeida.doris@gmail.com – cujo caminho formativo, docente e investigativo circula entre chefias editoriais em revistas da área de história, liderança e vice-liderança em grupos e linhas de pesquisa CNPq e IES e participação em grupos internacionais latino-americanos nas áreas de concentração História/Educação/ Memória/ Patrimônio.

Já do título, esmeradamente composto, denota-se o cuidado com a intencionalidade do material e das reflexões que delas se oriundam, quando a autora nos apresenta uma espécie de silogismo – com duas expressões que dão vida a uma terceira ideia. Muito mais que um jogo de jogo de palavras e fonéticas entre ‘arquivo’ e ‘vivo’, esta nova formulação – ‘*Arq-Vivo*’ – que toca a raiz mesma do que a autora pretende em sua obra: fazer tessituras, criações analíticas e caracterização de uma historiografia do tempo, dividindo o material em duas partes.

A primeira parte – “*Raspas e restos me interessam*” –, organizada em três capítulos, nos apresenta o estudo e análise sobre como o cuidado com o arquivamento institucional é fundamental para criação de memória, focando na experiência da própria autora na FACED- UFRGS.

Em seu primeiro capítulo (pp. 16-30) trata dos *Arquivos como questão* por meio das *moradas para memórias em papel* (pp. 19-23) e das *dimensões do guardar e do pesquisar em Arquivos* (pp. 23-30). Da ênfase quanto ao guardar e pesquisar em arquivo, mais que um catalogar documentos frios, trata-se de envolver-se com um *capital de experiências* sobre *velhos papeis*, em um *voltar no tempo* o qual não se mantém apenas no ano específico do início da pesquisa, mas percorre-se várias décadas anteriores que os próprios materiais de pesquisa instam a visitar em marca de temporalidade memorial, imaginativa e investigativa. Ainda neste capítulo se reflete que o gesto de guardar deve ser refinado de modo a produzir, provocar e desencadear lembranças, meditações e mediações, buscas, preocupações e afetos, trajetórias, ausências e produções sobre o tempo.

No segundo capítulo, o foco do estudo concentra-se no caminhar *pelos tramas das memórias orais: arquivar para eternizar* (pp. 31-39). Aqui se expõem os processos e resultados de entrevistas como evento sensível para a ebulição de narratividades em camadas temporais com professores e técnicos dos espaços de empiria escolhidos – a FACED-UFRGS e o Colégio de Aplicação – onde os sujeitos narradores são convidados a remexerem em seus passados com o intuito de produção de memórias orais.

Já o capítulo terceiro avança com a temática resguardando a composição presente entre cadernos, agendas, recortes, correspondências e bilhetes com o intuito de expor, registrar e analisar sensibilidades em arquivos pessoais (pp. 41-59). Destaca-se aqui, como uma das fontes principais, os documentos pessoais de professores sem a pretensão de encontrar o *eu coerente*, mas sim buscar ir além das previsibilidades, das aparências e superfícies dos atos em seus registros, para se deparar com possíveis contradições e transgressões. Tal abordagem torna ainda mais rico o livro aqui resenhado uma vez que, com tal proposta de análise crítica dos dados a partir da História Oral, há o interesse em se confirmar o afastamento de uma possível escrita laudatória aos pesquisados por parte do pesquisador, em constante estado de atenção à sedução que o arquivo privado pode gerar no autor que sobre ele se debruça.

Segue-se ainda neste mesmo capítulo terceiro os comentários quanto ao conjunto de documentos doados pelos professores que passaram a compor o arquivo institucional da FACED-UFRGS através dos esforços e abordagens da autora. Podemos nesta seção acompanhar o caminho dos arquivos pessoais dos seguintes professores: Luzia Garcia de Mello (p. 44); Isabel Loss (p. 45); Balduino Andreola (p. 46); Alceu Ferraro (p.46); Maria Helena Camara Bastos (p.46); Tania Ramos Fortuna (p.47); e Beatriz Daudt Fischer (p.47); Nilton Bueno Fischer (p. 49). A conclusão do capítulo dá a conhecer como o arquivo desta Instituição é um setor da FACED/UFRGS que abriga rastros, restos e sinais do passado vivo como substratos prontos para se tornarem outras construções em linha de trama histórica.

Um destaque especial, que reflete o cuidado da autora em reforçar o seu texto como um documento referenciado em outras tantas leituras e estudos por ela praticados e em vista a ajudar seus leitores no caminho epistemológico então traçado, é que há a elaboração dos referenciais bibliográficos não no final do livro, mas em uma local específica já no encerramento da primeira parte (pp. 54-59).

Convém evidenciar também que tal proposição em referendar os estudos feitos através de bibliografia focal e específica também se encontra na Parte Dois do livro, porém de modo ainda mais refinado, apresentando bibliografias específicas ao final de cada um dos quatro capítulos que compõem tal parte.

A segunda parte – “*De memórias fizeram-se histórias*” (pp. 61-159) –, em marca de ligação com a primeira, destacam-se os espaços, as materialidades, os vínculos e os métodos personalizados de arquivamento memorial de docentes na construção da pesquisa científica e acadêmica em termos de História da Educação.

No capítulo 04 – *Escrever, recortar, colar: “acervo de vivências” nos cadernos da professora luzia (1989-2010)* (pp. 63-69) –, os artefatos são pesquisados como cultura material que acaba por tocar campos como a incerteza do acesso, os vínculos de afeto e as relações fecundas. Um subtítulo a este capítulo dá conta de buscar e encontrar a pessoa memoriada em suas caixas de arquivos (pp. 69-72).

Neste mesmo capítulo há uma tessitura de elaborações analíticas quanto a relação de intimismos em chave de lembranças (pp. 72-79) presente nos arquivos. Neles estão bem marcadas palavras chave – palavras únicas (p. 79) como: mudança... infância... magia... sonho... mistério... Assim, a autora-pesquisadora reflete sobre a dimensão diferencial e unitária entre o *ethos* geracional e curva própria de vida presente em tais registros. Nesta parte da exposição sobre os arquivos – trecho que mereceu, inclusive, uma delicada inferência da autora-pesquisadora – ocorre um relato como que de uma auto avaliação digna de nota pela sua abrangente temporalidade que percorre de 1950 a 2007 em um espécie de avaliação de percursos de vida e meditação profunda sobre a existência em que se registra: “o que eu fiz e o que gostaria de ter feito e não fiz”, juntando um “passado tão perto e tão distante”, narrando que “em pensamento retornei à infância” para “restaurar o sentido das experiências” e “reaprender como é possível ser feliz por tão pouco?”, convidando-se ao “vasculhar dentro de si”, para “re-inventar, cheiro de infância” uma vez que “existir talvez seja um pouco este reencontro com raízes atávicas” (p. 77).

É também deste quarto capítulo as outras “FACES de L.” em que cotidiano, educação, cultura, política são relatados a si mesma pelo olhar da autora-fonte (p. 79) através de colagens, recortes e escritas dando margem a imaginar como aquelas produções tiveram circulação quase com vida própria uma vez que eles foram criados por vários anos e caminharam junto ao processo de amadurecimento de sua autora-fonte.

Um destaque especial a partir deste capítulo e nos seguintes é a existência de figuras que ajudam a levar para o campo a imagem o que antes se configurava como exercício imaginativo do leitor sobre os artefatos pesquisados, uma vez que cada figura exposta representa a materialidade do conteúdo da pesquisa neste ponto.

Para o quinto capítulo, a autora passa a destacar outro campo de empiria que é a Escola de Aplicação/ UFRGS, com estudos sobre os registros de uma professora polivalente, Isabel Loss, na temporalidade de quase de uma década – *papéis de uma professora polivalente: miradas para as aulas de história (Colégio de Aplicação/UFRGS, 1978- 1986)* (pp. 91-110). Com este material e arquivo analisam-se dados tão singulares quanto a descrição de aulas no Primeiro Grau de Ensino e outros dados com nuances de maior envergadura como a mudança curricular nos fins de 1970 e pouco mais da primeira metade da década de 1980, por exemplo, no tocante ao que se entedia como ensino de Estudos Sociais em tempos da Ditadura Militar (1964-1984) e em tempos de reabertura democrática no Brasil (1985-...). Outras importantes

reflexões a partir do material pesquisado dizem respeito a macro categorias, tais como: protocolos e cultura escolares (p. 96); notas avulsas sobre perfil discente e existência de projetos pedagógicos (p. 97); política e sentimentos (p. 98); Igreja, estado e Sexualidade (p. 100); metodologia e conteúdo curricular (p. 102); fabricação artesanal e manutenção de cadernos de planejamento (p. 107); divisão do tempo em componentes curriculares etc. (p. 108).

Deste capítulo cinco, ainda cabe referendar uma semi-digressão sobre a matéria Estudos Sociais que, inclusive, oportuniza ao leitor a viajar às suas próprias memórias escolares, tanto as estudantis quanto às docentes.

No sexto capítulo, aprofundam-se os estudos sobre o Professor Balduino Andreolla, em um processo de análise da micro-história e trajeto docente e de gestão deste educador por meio de seus arquivos pessoais ou a ele destinados. Aqui move-se um fio que ainda não estava tão explícito na trama desta obra que, agregado à função docente, também perpassa neste professor a função de gestor-reitor na FACED-UFRGS.

O início desse capítulo expõe o nível relacional entre autor originário dos arquivos e autora analítica do livro ora resenhado e a mesma liberdade e compromisso de ambos os autores com a produção e disseminação do conhecimento acadêmico-científico o que revela ainda o grau de liberdade quanto à utilização de tais memórias por parte da pesquisadora-autora sobre os arquivos pessoais do Professor-Reitor ao se tornarem matéria de estudo e análise da História, tendo como subtítulo: “*Deixo inteira liberdade...*”: o arquivo pessoal do professor Balduino Andreolla (p. 111).

Esse capítulo também possui as narrativas e análises ‘*Entre guardar e doar: Dimensões do arquivo pessoal do Professor*’ (p. 114) que denota uma fina conexão entre objetivo da pesquisa e aporte individual em liberdade; *As delicadezas deste arquivo pessoal: Bilhetes* (p. 128); *O intelectual Balduino Andreola: redes de pensamento e de ação* (p. 129); e as *Considerações Finais*, concluído que os guardados ocorrem quando da aplicação de valor que a eles são atribuídos e dos quais eles estão imbuídos.

Quanto ao capítulo final, o sétimo, – *Para não esquecer: apontamentos de uma professora, mãe, mulher e filha em agendas* (1995- 2014) (pp. 136-159) – ocorre um tipo documental raro... (p. 138) que são dezenove agendas, datadas entre 1995 e 2014, e que contém os registros de Beatriz Daudt Fischer, professora aposentada da UFRGS e UNISINOS, no qual se pode encontrar a trajetória e a ocupação de lugares, o cuidado do arquivamento, as evidências sutis ou flagrantes de mudança no percurso de vida e ainda certos apontamentos em diversas outras dimensões.

A continuidade deste capítulo tece análises e considerações em duas frentes concomitantes: uma com elucubrações conceituais sobre o instrumento agenda – que na etimologia latina (*agendus/a/um*) conceitua-se como gerúndio de *agere* ou ‘coisa que deve ser feita’ – tais como: *Agendas, para quê?* (p. 141); *As agendas, por elas mesmas* (p. 143); *Fim das agendas?* (p. 158) e outra frente com refinamento de dados e interlocução entre pontos analíticos e a vida da pessoa pesquisada, refletida em suas escritas autorais: *Traçados de si nos apontamentos: a professora, a Pesquisadora* (p. 144); e *Outros traçados de Beatriz, em meio às agendas* (p. 150).

Na primeira frente de estudos, as agendas são também encaradas como facilitadoras da memória, como documento íntimo quase como um diário e registros de afizes e programas que incidem e classificam-se como ego documento. Da segunda frente, com tais e tantos entrelaçamentos entre arquivos e autores, depreende-se que é um caminho natural a continuidade de produção de redes de afeto e mais vínculos de proximidade e interesse entre pesquisador/pessoas-fontes/pesquisador como fruto correlato desta abordagem e metodologia.

Tal qual a abertura desta obra através do Prefácio (pp. 05-07) de Maria Teresa Santos Cunha – UFSC, UDESC –, dado em Florianópolis, em janeiro 2021, também a sua finalização

ocorre em chave de coerência e encontro entre conteúdo, forma e estilo, através do posfácio escrito por Maria Helena Camara Bastos, dado em Torres, no verão 2021.

‘Percurso de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação’ é um livro que tem potencial de remeter o leitor/pesquisador a suas próprias memórias com relação ao conteúdo exposto, pesquisado e narrado pela autora. Assim, por exemplo, aconteceu comigo na elaboração desta resenha...

Este livro é um exemplo de caminho possível a que outras instituições conheçam, animem-se e estruturem-se sobre como criar suas próprias memórias através de uma dupla valorização, memorial e arquivística, da pessoa e da Instituição, e como docentes, gestores e tantas outras pessoas podem e devem guardar, manter e preservar seus registros pessoais-profissionais em vista de contribuição potencial de serem e tornarem-se tanto memória como história que a muitos ajudará no futuro próximo ou distante através das malhas de interesse comum sobre temas, assuntos e conteúdos os mais diversos uma vez que nada escapa à possibilidade de historicidade.